

S. Pansa. — Estais triste, Tiradentes?... — Pudera! Não é esta a republica que ha 103 annos eu sonhava!... S. Pansa. — Realmente, não valeu a pena deixares-te enforcar para vêres agora os taes jacubinos cambuquiranos tentarem dar com a Republica em pantanas

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.	20\$000	Anno.	24\$000
Semestre	12\$000	Semestre	14\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todos as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

A ADMINISTRAÇÃO

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 20 de Abril de 1895.

Um Rei na Republica

UM rei, sim! um rei forte, potente, todo poderoso!

A transformação politica de 15 de Novembro de 89 depol-o da sua cathogoria de medalhão, reduzindo-o a um simples, a um mero barão remediado.

E elle vegetava por ahí, jururú e cabisbaixo como bananaeira que já deu cacho, entre bichos do Jardim Zoologico por elle instituido.

E pensava no que tinha sido, no que então era e no que aspirava vir a ser ainda.

E tanto meditou, tanto parafusou, que conseguiu ter uma ideia!

Sim! elle teve uma ideia.

Pequenina, microscopica como um baccillus virgula, e como este pernicioso, funesta, terrivel!

Uma ideia, que se apresentou timidamente, modestamente a procurar promover um melhoramento, e se foi ensinuando manhosaemente, no animo da população, germinando um vicio, que se foi propagando e desenvolvendo progressivamente até lavrar como um incendio devastador, destruidor de todos os bons principios de economia, de probidade e de justiça!

E permittiram-lhe o inicio da sua ideia, deram-lhe authorisação legal, e deixaram-no ir solapando, crescendo, crescendo, alastrando o seu dominio até avassallar a todos e a tudo!

E eil-o agora altivo, poderoso, omnipotente, arrastando presos ás caudas dos seus vinte cinco bichos o criterio, o brio, o caracter de uma população de quasi um milhão de almas humanas!

E de sobre o seu castello de saccoes e saccoes de dinheiro, que augmentam progressivamente, elle zomba da opinião, da authoridade e da lei!

Voz em grita a imprensa unanime clama contra o dominio absoluto com que esse rei subjuga a vontade popular, canalizando em

uma torrente caudalosa e intermina de cedulas de dez tostões toda a fortuna do povo para os seus cofres!

A essa voz responde elle com a rabulice zombeteira de uns pareceres sophisticos, demonstrando que a lei ou a justiça são uma especie de camaleão, que vive de vento e muda de côr conforme o susto que lhe mettem.

E ninguem o pode derrubar!

Todos os brados, todos os clamores, todos os expedientes, toda a authority se espedaçam e se annullam de encontro ao seu poder!

No momento decisivo de uma resolução legalmente violenta, que o accommetta, terá, para sustental-o, uma formidavel horda de corrompidos por uns palpites á ultima hora de infallível saque nos *booch-makers*.

E tudo recuará, e tudo se quedará diante do seu poder!

E elle continuará a reinar na republica até...

POUCAS PALAVRAS

Trecho de uma carta:

Buenos Aires, 7 de Abril de 1895.

Devo dizer-te que se o Prudente não apressa a pacificação, é muito possível que os federalistas cheguem ao Rio de Janeiro por terra, tal é a situação.

Saldanha conseguiu já reunir força de 6000 homens, armada a Mauser do ultimo modelo e Remington. No dia 21 do mez passado tiveram um combate em que as forças de ambas as partes reunidas attingiram a 8000 homens.

O governo foi derrotado, deixando 700 homens entre mortos e feridos, e os nossos 300.

Ha ainda força que se está instruindo e armando para entrar por estes dias. Em toda a parte em que o governo se apresenta encontra-se com duas forças novas.

Temo imposições dos federalistas; preferiria a paz á victoria do Rio Grande pelas armas.

Olho já para as exigencias do Rio Grande victorioso e vejo mais difficuldades para os governos futuros da União.

Seja o que elles quizerem.

P.

Escreveu isto quem devia desejar a victoria pelas armas da causa federalista.

Um ligeiro commentario apenas:

Não temos por justificados os temores do illustre missivista.

Se a vacillação ou a fraqueza do governo da União permittir a continuação da temerosa lucta; se a pacificação não fôr levada á effeito e os federalistas conseguirem a victoria sobre o inimigo commum, não acreditamos que elles façam imposições, porque, antes de tudo, são brasileiros, e brasileiros que nos estão a dar exemplos do que é o amor á liberdade.

O *Novidades*, folha que se publica no Recife, denunciou a existencia, na alfandega daquella capital, de quatro canhões Krupp, destinados ao governador do Estado.

Isso! deem-lhe canhões, muitos canhões, trezentos mil canhões, que o homemzinho quer dormir tranquillo!

Fica o thesouro estadual arrebatado? Que importa isso?

Que vale a illegalidade de um acto clandestino, ante o sonho dourado de um despota?

Canhões! mais canhões! Canhões em penca!

O Recúo

O Recúo é o que está em moda hoje discutir-se pela imprensa.

Procurei orientar-me um pouco sobre essa questão para saber o que dizem ou o que pensam os illustres sabios que tratam d'esse assumpto; mas confesso que recuei diante das proporções que ella vaie tomando, tornando-se uma verdadeira polemica pela divergencia de opiniões e a ameaça de não acabar tão cedo.

Se eu fosse esperar o fim para saber quem tem razão, é provavel que só em fins de 1896, para não exagerar, poderia formar o meu juizo.

Respeito por demais os nossos assignantes para não impingir-lhes cataplasmas de tres ou quatro columnas, amolando-lhes a paciencia com citações do que se passa em França, no Congo ou no Japão, sobre recúo ou não recúo de casas.

Gemam, portanto, os prelos de todos os jornaes desta capital sobre essa questão; gemam os Srs. Drs. Barata Ribeiro, Del Vecchio, Vieira Souto e outros illustres contendores; nós é que não estamos dispostos a gemer, nem a fazer gemer os nossos leitores.

**

O recúo dos predios em certas ruas d'esta capital é uma necessidade que sentimos não ter sido satisfeita ha mais tempo; ha 30 annos pelo menos.

Isto não é uma razão para que se não faça agora; mais vale tarde do que nunca.

O recúo, porém, não pode ser em absoluto, em todas as ruas.

De preferencia deve-se começar pelas ruas de grande transito commercial, como são, por exemplo, as que formam o grande perimetro do commercio do café e casas de importação, cujas calçadas e lagados, completamente estragados, bem denotam o colossal movimento das enormes e pezadas carroças que por ellas transitam.

A não ser a rua Municipal e a dos Benedictinos, que bem podem servir de modelo, as outras onde tambem faz-se em grande escala o commercio do café estão em estado vergonhoso, não só em calçamento, como em predios, que não duvido datarem de aiem do tempo de D. João VI.

Eis, portanto, uma das partes da cidade á qual nos parece que se lhe deve applicar desde já a lei do recúo.

Quando por lá passamos, parece-nos voltar de repente, ou melhor, estar ainda nos tempos coloniaes, com a unica differença de que já não se vê, felizmente, escravos a lidarem com o mais rico producto nacional.

Quanto ás outras ruas, cujo transito de carroças pesadas é quasi insignificante, não nos parece ser de absoluta necessidade applicar-se-lhes a lei do recúo.

Em paizes tropicaes, como o nosso, a rua estreita é mais conveniente do que a larga, sobretudo quando esta não o é bastante para comportar arborisação.

A rua, sendo mais castigada pelo sol em razão de sua largura, é evidente que está prejudicada em um dos mais salutareos principios de hygiene, que consiste em combater o calor.

As ruas estreitas têm a vantagem de só serem batidas pelo sol quando este está no zenith, ao meio dia, em plena estação calmosa. Ainda assim, por meio de toldos, que deveriam ser obrigatorios, pôde-se perfeitamente estar ao abrigo dos raios solares.

Do que a Camara Municipal nunca cogitou foi de adoptar um genero de construcção de casas apropriado ao nosso clima, que as torne bem mais ventiladas, e portanto mais frescas.

Não haja pois, exaggeração na applicação da lei do recúo.

Ha certas ruas que não se pôdem mais alargar; em compensação ha muitas outras em que se pôde applicar esse melhoramento sem grande prejuizo de seus proprietarios nem enormes sacrificios da Intendencia.

Que esta trate de aperfeçoar o calçamento das ruas. Isto é o que é mais necessario.

Continuarei.

X.

A' Parahyba do Sul

Amo estas altas, brancas penedias
Que erguem no espaço o lombo esverdeado,
Este céu sempre limpo e constelado
De turbilhões de estrellas luzidias.

De minha infancia os descuidosos dias
Aqui passei—contente e socegado:
Quero dormir, quando tombar gelado,
Ao pé daquellas arvores sombrias.

Produzirei da putrida materia,
Por noites de luar, a sombra etherea
D'um lyrio branco, virginal, franzino...

E não de me ver, nos echos repetidos,
Em merencorios, pallidos, gemidos
— Os versos que cantei quando menino.

DIAS DA ROCHA, FILHO.

TAGARELLICES

O patrão cá da casa não imaginava que eu e os meus compaheiros lhe estivessemos fazendo concurrencia aos applausos dos admiradores do *D. Quixote*.

Engolfado no gozo dos elogios com que toda a imprensa exalta o seu lapis, o seu espirito e a sua critica, andava lá pela parte de fóra, todo ancho, a derramar nas quatro paginas que para si reservou (as melhores, pudera!) a sua *verve*, escurrida pela ponta do tal lapis, para fazer jús a novos elogios.

En'essa vaidosa e ambiciosa preocupação, nem sequer dava fé da *conspiração* que nós tramavamos cá por dentro para chamarmos igualmente sobre nós a attenção dos que o applaudem, e auferirmos d'elles tambem o nosso quinhão de elogio.

E' que elle estava acostumado, pelos que o tinham acompanhado em outras empresas, a ver no trabalho cá de dentro simples estopada para encher espaço.

Por isso, nem se dava ao cuidado de saber o que dizia o texto.

Mas o caso agora mudou de figura!

Os jornaes que constantemente o pavoneam entraram a estender a vista cá para dentro e a reparar que por aqui tambem ha obra de qualidade e critica de escacha-pecegueiro.

E, se bem assim o viram, assim tambem o disseram, chegando alguns mesmo a dar amestrinhas do panno.

Isto fez com que o patrão arregalasse o olho cá para o interior e ficasse de prevenção.

O outro dia, quando eu pensava que elle tivesse ido ajustar as suas contas com o somno, depois da noitada habitual da sexta para o sabbado, dei com elle muito repimpado á minha mesa a examinar o texto desde o *Expediente* até ao *D. Mesario*!

E quando eu e o *Pernilongo*, tremiamos ante a perspectiva de uma sarabanda oriunda da inveja que lhe causavamos, eis que elle, amavelmente e com satisfeito sorriso, nos diz:

— Meus amigos, vamos juntos á Gloria.!

E fomos, todos tres, tomar o bonde no Largo da Carioca.

Li n' *O Paiz* de domingo a carta que um jornalista portuguez lhe dirigio de Cambuquira.

Eu nada teria que tagarellar sobre essa carta, se não fosse o jacobinico engrossamento com que esse jornalista procura fazer jús a um lugar na redacção do referido *O Paiz*, para n'ella fazer *pendant* com outro patricio que já lá trunfa.

Lá que elle diga que o Marechal Floriano é um bom pae de familia, que não gosta de ostentação, que foi um bravo militar, que soube ser energico na sustentação da sua autoridade, de accordo.

Tudo isso são qualidades que, me parece, ninguem ousa contestar-lhe.

Mas...um benemerito da humanidade...?!

Que entende o tal *jornalista portuguez* por benemerito da humanidade?—

O que não teve nem sequer uma palavra de censura para o wagon 136 V?

O que permittio que se estabelecesse um matadouro de Santa Cruz em Santa Catharina, não para bois, mas para homens?

O que á custa do dinheiro do thesouro federal e de milhares de vidas de seus compatriotas, repoz e sustentou no governo do Rio Grande do Sul o ambicioso mais deshumano de que ha noticia na historia do Brazil?

Ora, Sr. jornalista portuguez, se quem faz cousas destas é—benemerito da humanidade—o que fica sendo na sua opiniao o Presidente que renunciou o poder para que, por amor d'ella, não houvesse mais uma viuva nem mais um orphão n'esta terra?

Que nome dará ao official da marinha portugueza, que arriscou a sua elevada patente para, no dia 13 de Março de 1894, salvar a vida a mais de quinhentos brasileiros?

Sabe que mais?

Outro officio.

Se o seu jacobinismo arma a um lugar na redacção do *O Paiz* perde o seu lar.

Já lá tem o outro, o da republica de *audacia e gazua*, e... dois bichos não se beijam.

Um dos enormes males que a tolerancia (se não a authorisação) de perversidades praticadas sob o regimen legal do Marechal Floriano e que a Historia ha de forçosamente registrar, é o da degeneração do caracter benigno e generoso, que todos apreciavam no homem brasileiro.

A idéa de assassinar covardemente o seu semelhante horrorisava a todo o filho deste paiz.

O sitio da *Legalidade*, com a mordaca da imprensa e a carta branca aos exaltados partidarios da resistencia aos revoltosos, converteu muitos d'esses exaltados em verdadeiras feras, que se lançavam aos seus adversarios ou defectos como lobos carneiros, prendendo, perseguindo e assassinando deshumanamente a torto e a direito!

D'aqui ficou o habito da malvadez em todos a quem ella foi authorisada ou permittida, e o vesio de se desfazerem dos que os contrariavam, assassinando-os ou mandando-os assassinar.

Ahi estão o governador de Pernambuco,—esse Floriano-mirim—o do Paraná, e agora o de Alagoas a desfazerem-se dos que lhes fazem opposição, mandando-os assassinar covardemente.

Para que discutir razões, ou disputar direitos quando se está de posse da força?

Ao que se oppõe, mata-se.

E aqui está o bello methodo de governar, exemplificado pelo benemerito da humanidade!

E o caso é que tagarellando sobre tal assunto, lá se me foi o bom humor com que comeci estas tagarellices.

E como poderia eu conservar-o, tratando de cousas tetricas?

Melhor é parar aqui.

MESTRE NICOLAU

Voltou de novo o Sr. Dr. Antão de Vasconcellos a provar que a bandeira da Republica está invertida, e, para endireital-a, propoz uma reforma de sua graciosa lavra, pela qual fica suprimido o letreiro: *Ordem e Progresso*.

Acredita o illustre advogado que, depois de reformada a bandeira, a Republica «vá melhor em sua marcha».

Singular ingenuidade de um homem versado e pratico!

Seja a Republica direita, que a bandeira torta não lhe fará mal algum.

Por muita influencia que uma bandeira direita possa exercer nos destinos de um povo, não acreditamos que possa vir d'ella o bem d'esse povo.

Quer uma prova?

Veja o Sr. Dr. Antão a *ordem* e o *progresso* que temos gozado, apezar da legenda da nossa bandeira.

Se acreditássemos na sugestão de uma ban-

deira, proporíamos que a nossa tivesse o emblema do—Juizo—que é do que nós precisamos...

E seja tudo pelo amor de Deus.

CHINOISERIES

Descobriram agora: não é novo
o jogo do barão;
é antigo na China, aonde o povo
tambem dá-lhe attenção.

Além do arroz, comido a dois pausinhos,
e o classico rabicho,
agora sei que o chim ama o joguinho,
cahe com o cobre no bicho,

e invoca os deuses, p'ra ganhar incensa
Confucio, Buddha e Fô.
Assim do bicho a rica industria immensa
na seda não é só.

Bicha e bicho! Té entra no pagode
da bandeira o dragão!
China e Brazil se igualam. Quem mais pode,
mandarim ou barão?

LU-NO

De Varanda

Eu ainda não disse a ninguem, mas digo-o agora, que a minha varanda, alegre e jovial, dá para as ruas da cidade eterna, onde a jogatina reina escandalosamente, com plena autorisação co-participante de mim proprio.

Por isso, sempre que n'ella estou, charuto á bocca, rindo-me de todas as cousas da vida, intrigando a todos os homens, os mais serios, e a todas as mulheres, as mais honestas, o meo espirito passeia a sua *verve* caustica e a sua malicia devastadora, como a farpa do mal destruindo a paciencia invejavel do principio increado.

Acontece que hontem, domingo de Ramos, na boa hora vespertina de um crepusculo indeciso, aqui, do alto da minha varanda alegre, vi que, por um largo onde ha uma estatua de estadista immortal, uma fila de homens de balandraus e toxas acexas, acompanhados por mulheres e crianças, caminhava pachorrentamente ao rythmo de rezas e de canticos sacros.

Uma procissão, uma procissão como deviam ser as da idade media, disse a mim mesmo; uma procissão genuina, em plena idade moderna, em pleno regimen da Razão!

E o meo espirito, sorrindo-se maliciosamente, affagou a lei prescripta, a lei constitucional, que garante a liberdade do culto interuo mas não externo.

Recuei.

++

Por uma associação de idéas, voltei-me para as campinas do Sul, lembrando-me das santas crusadas catholicas contra os hereticos.

Quantas benções recahiriam sobre aquellos padres neditos e bem dormidos, quanto olhar de mãe, de amigo, aureolariam as fronte de todos aquellos crentes, piedosas velhas mansas do rebanho do Senhor, se ao envez de tochas acexas e balandraus incolores e carcomidos pelos seculos, elles levassem o symbolo da paz aos heroicos maragatos devorados pela lepra da politica picapão abastardada e torpe, e á Patria o respeito á lei e aos direitos de cada um?!

Vã idéa de um espirito bohemio, de um espirito optimista, como todas as idéas de ordem e progresso, recuarás ás gargalhadas, ás gargalhadas...

Recuei.

++

Depois era no reino da bicharia. Haviamos voltado aos tempos em que os animaes fallavam e dictavam leis ao mundo. Nessa epocha Lamarck ainda estava em embryão, perdido no espaço.

D'entre os bichos, porém, um d'elles se avantajava pelas suas proporções especiaes

mais ou menos evoluídas, de corda á cabeça, baculo á dextra, e o corpo envolto n'uma túnica excepcional de dictador algarvio.

— Não morrereis á fome, ó meos queridos vassallos. Contra á fome é o frio, a pinda-hya e a lei, eu instituo a poule, o supremo édito.

E, de facto, todos os macacões jogavam, todas as bestas davam palpites, e as vacas, em lugar de leite, ordenhando-lhes as tetas, deixavam libras esterlinas.

Mas alguns dos bichos indignados contra o privilegio do macacão mór, revoltaram-se, querendo depol'o. Debalde. A luta foi homérica: leis choveram, discursos fulminatorios gorgulharam, artigos á dynamite (n'aquelle tempo já havia imprensa) explodiram. Tudo debalde porém. E o Macacão venceu, e o Macacão triumphou, porque apesar de todos os pesares, os mais sábios, os mais irreconciliáveis, os mais intransigentes, convencidos de que o poderio do chefe era enorme, deixaram-se de indignações e recuaram, cahindo na poule.

E eu, para tambem não fugir á lei geral, benzi-me e joguei no gato do Barão. E como os outros não recuei mais.

BARNABA

Sociedade Elegante

CLUB S. CHRISTOVÃO

Na noite de 13 do corrente, o vasto e arejado salão do Club S. Christovão, artisticamente ornamentado com bellos festões de multicores flores artificiaes, regorgitava de elegantes convivas entre os quaes sobresahia um bom numero de damas e cavalheiros visivelmente fantasiados.

Via-se alli em avultada maioria o que a sociedade d'aquelle aprasiavel bairro tem de mais gracioso e encantador no genero feminino, o que impedia a minoria masculina de deixar em repouso um só, sequer, dos seus representantes quando o harmonioso estrondo da afinada banda do 23 de linha impunha um rythmo ao culto de Terpsichore.

Devo aqui assignalar a encantadora devoção com que duas gentis *Irmãs de Caridade* — alvas barretinas borboletas á cabeça e grossas camandulas á cintura — prestavam á saltitante deusa mythologica o gracioso culto dos seus elegantes meneios, devoção essa só comparavel ao doce enthusiasmo com que duas jovens *Republicas* as secundavam no mesmo culto.

D'entre os cavalheiros fantasiados, apenas indicarei um estudante warsoviao em pleno rigor do respectivo *costume*.

Alguns dominós, nada pouco vulgares, passeavam mudamente o seu incognito ao longo do extenso salão receiando ser intrigados pelos que, sem mascara, lhes admiravam o espirito discreto.

A amavel directoria, de uma solicitude cavalheirosa, velava activamente para que a todos os seus consocios e convidados as horas alli corresseem no mais confortavel e alegre convívio.

Dansou-se animadamente, prolongando-se a festa sempre com a mesma animação até ao amanhecer.

GREMIO DA TIJUCA

Para sciencia da sua illustre directoria, aqui declaramos que não nos chegou ás mãos o convite que se dignou enviar-nos, o que foi causa de não nos fazermos representar na sua deliciosa festa.

Julgamo-nos, no emtanto, obrigados, se é verdade o que nos informam, a registrar-lhe aqui o nosso reconhecimento pelo testemunho de apreço que teve a gentileza de lá nos dispensar.

De Chapéo na Mão

O *Estado de S. Paulo*, folha extra-jacobina, redigida pelo Sr. Felinto de Almeida, teve afinal o ensejo de fallar no *D. Quixote*.

Muito agradecemos a fineza.

Mas...sendo a opinião desse illustrado collega inteiramente contraria á detoda imprensa

brazileira sobre o merecimento da nossa folha, não podemos deixar de distingui-la reproduzindo-a aqui por extenso:

«Temos á vista o n. 11 do *D. Quixote*, a folha illustrada de Angelo Agostini. Tracta na primeira e ultima paginas assumptos de actualidade, e nas duas centras dá uma scenã do celebre carro 136 V. Não é, como muita gente suppõe, um jornal de caricaturas. A illustração dos acontecimentos é feita em dezenhos incorrectos e incarakteristicos. Parece incrível que este dezenhista, que chegou a ter fama no Brazil, estivesse uns poucos de annos em centros artisticos da Europa e voltasse sem ter feito o minimo progresso na sua arte! Effectivamente, o dezenho do *D. Quixote* tem a mesma chateza e a mesma banalidade da *Revista Illustrada* de outros tempos. Uma miseria. Felizmente o texto é bom e lê-se com prazer».

Peio que se vê, o Sr. Felinto é um grande critico em materia d'Arte. O que o incommoda é a incorrecção do dezenho.

Entretanto, estamos convencidos de que se elevassamos ás naves otal heroe do carro 136 V assim como os Barboza Lima e Castilhos, elle acharia os desenhos do *D. Quixote* o *nec plus ultra* da correcção e do espirito.

Vejam só do que depende a arte do dezenhol...

Ora seu Felinto...

FERROADAS

Tambem sou filho de Deus.

Tambem tive o prazer de saborear o que o Sr. illustre escriptor portuguez escreveu a *O Paiz* a proposito das conversas intimas que fruiu com o Sr. marechal Floriano. Por consequencia, tambem me lambi com a parte que me tocou da descompostura sustancial, que o tal escriptor passou a quantos condemnaram e condemnam a tyrannia da ex-legalidade... Muito obrigado!

Sómente, o que farei como protesto, é dizer ao escriptor portuguez, acolhido e applaudido pelo *O Paiz*, o que o redactor-chefe do mesm'O disse, ha tempo, á colonia portugueza: — *Cuide da sua vida!*

E se mais má fôra licito exigir para desafrenta, pediria ao Sr. Drummond que me qualificasse entre os seus bichos do quadro mais esta ave de arribação...

Vêem os senhores, que eu nem sou mão nem exigente.

A prova, é que não pedirei ao sr. ministro da Viação que mande processar e fuzillar os responsaveis pelas irregularidades da escripturação e até desfalques, encontrados na Estrada de Ferro Central, e referentes ao periodo da ex-legalidade, segundo noticiou uma *varia do Jornal do Commercio*. Não, senhor.

Se ha taes cousas, que, no fim de contas, são o apanagio de um periodo negro da nossa historia — venha já uma esponja, humanitaria e discreta, apagar esses borrões.

Trate-se de fazer esquecer isso, procurando elevar aquella repartição á altura de uma utilidade publica.

Trate-se de servir o commercio honesto, impossibilitado de concorrer com os monopolisadores que têm abusado assaz do seu poderio...

Ponha-se termo á mafandrice e á venalidade, melhore-se o trafego, recebam-se diariamente as mercadorias para todas as estações — e deixe-se em paz os que escripturaram na Central as *partidas* proprias da epocha do 136 V...

Peço tambem ao sr. Prefeito Municipal que deixe em paz as pobres arvores que ainda restam com vida nesta invicta *Jogopolis*.

Que mal fizeram a S. Ex. as que existiam no principio da rua dos Voluntarios da Patria? Quaes foram os proprietarios que se julgaram prejudicados com a sua sombra benefica?

Em virtude de que principio hygienico foram ellas condemnadas ao machado estúpido e cruel?

Deus do céu! E dizer-se que ha quem exija o recuo para saneamento da cidade, quando em cousas mais simples taes asneiras são praticadas, sem protesto!...

— *Tu quoque* — Dr. Del-Vecchio?...

Uma folha da tarde noticiou, em ar de censura, que o commandante da brigada policial mandou retirar do seu gabinete o retrato do Sr. Cassiano do Nascimento, ex-ministro de muitas pastas e da justiça tambem.

O caso seria grave se não estivesse sobejamente compensado.

Assim é que, ao passo que falta no gabinete da commandancia da brigada policial a media effigie de um dos sustentaculos da *consolidação*, abunda na repartição da chefia de policia e nas estações que lhe são subordinadas o retrato do marechal Floriano.

E se a folha que noticiou o facto dá em lamentar a falta do retrato do ex-ministro, caber-me-ha o direito de exigir tambem que se colloque nas referidas repartições o retrato do chefe da nação...

Eu cá sou assim: ella por ella.

Deixemos, porém, taes ninharias e vamos ao que importa: — Será exacto que o Sr. Castilhos pensa em obstar a que se pacifique o seu Rio Grande e que conta com o apoio dos governadores de Santa Catharina, Paraná e S. Paulo? Se isto não é redondamente falso, ahí tem o Sr. Dr. Prudente de Moraes as consequencias da indecisão e fraqueza da sua politica, neste assumpto palpitante.

Sempre me pareceu que o caso do Rio Grande era para ser tratado com energia e promptidão.

Isto de se esperar que um individuo reconhecidamente perverso e ambicioso, deixe de o ser, de *motu proprio*, dá sempre em resultado — augmento de perversidade e de ambição.

Ou a paz é necessaria, é indispensavel para o credito e prosperidade da nação, ou o não é. Se é, o governo da União tem o dever de retirar ao Sr. Castilhos o apoio que indevidamente lhe está prestando.

Se não é, cumpre-lhe augmentar esse apoio, de tal maneira, que a revolução seja positivamente aniquillada.

O intoleravel é esta indecisão singular, este esperar constante por um dia que não chega, o ruído subterraneo de conspirações e de conluos inconfessaveis...

Saiba-se, ao menos, se podemos dormir tranquillos... de garucha á cabeceira.

— Viva a Republica!

Que o Sr. Castilhos tem structura para ficar celeberrimo, prova-o o facto consummado da desobediencia da sua justiça á ordem do Supremo Tribunal Federal mandando que o tenente-coronel Facundo Tavares aqui se lhe apresente.

Tal facto define claramente os intuitos perturbadores da ordem publica do famigerado dictador do Rio Grande do Sul.

O velho e respeitado Facundo Tavares, violentamente preso em sua propria casa, depois de ter visto morrer a seu lado dois filhos, que lhe defendiam a propriedade e a vida; insultado e chacoteado em caminho do carcere, alli atirado ha mais de dois annos e por fim privado, de vir á presença do Supremo Tribunal — é o documento vivo de um crime monstruoso praticado na outr'ora civilisada terra do Cruzeiro do Sul.

E se o governo Federal cruzar os braços diante de mais este ataque á soberania de um poder creado pela Constituição — a que abyssos nos levarão as consequencias da sua inercia?

Preveja-o quem quizer e salve-se quem puder...

Mot de la fin:

— Que me dizes tu do assassinato da rua do Mattoso?

— Meu caro, se todos os maridos nas condições do infeliz Teixeira da Cunha entrassem a liquidar a ferro e fogo as suas infelicidades — feriamos uma carnificina dos diabos... E se as mulheres fizessem o mesmo aos maridos que as enganam — isso, então, seria uma hecatombe medonha!...

— *Caspité!*

PERNILONGO

Alleluia Carnavalesca

FENIANOS

Uma deliciosa folia a da noite de 13 do corrente no amplo salão dos incansáveis Fenianos!

Ao compasso de estrepitosa musica, soprada convictamente pela banda policial com athleticos pulmões, redemoinhava uma multidão electrisada pelo entusiasmo febril de um maxixar desconjuntador!

Formosas Imperias elegantemente fantasiadas, communicavam aos indomitos D. D. Juans um fluido insidioso capaz de activar para o requebro do maxixe o granito ferruginoso de um frade... de pedra, desenvolvendo n'elle uma sede ardentissima, só mitigavel com copioso banho de Franciscana... Brau.

No meio d'aquelle turbilhão frenetico, como o som poetico de uma flauta magica em meio de um temporal, a voz meiga de um modesto dominó, murmurou docemente ao meu ouvido:

— Vecé me conhece?

Não sei o que esperimei a ouvir esta interrogação, e ao sentir-me aprisionado por um braço delicado que se enganchara no meu.

Ao delicioso contacto desse inesperado assaltante da minha tranquillidade de *mirone* d'aquelle espectáculo, delectavel sensação de doce e iatimo regosijo me avassalou os musculos e o cerebro.

Deixei-me levar pelo dominó para uma cadeira, onde me sentei ao lado d'elle.

— Quem és? perguntei-lhe eu então cheio de curiosidade.

— Sou uma vista que te observa.

— Com que fim? indaguei admirado.

— Com o fim de saber qual é a côr de cabellos de que mais gostas.

E, procurando ageitar o capuz que lhe envolvia a cabeça, deixou-me, mau grado seu, avistar de relance uma bella madeixa de cabelo ruivo como a granada do meu alfinete da gravata.

Soltei uma exclamação de alegria e ia segurar-lhe a mão, mas... era uma vez um dominó modesto!

Desappareceu no meio da multidão dansante como uma agulha cahida em um palheiro!

Em vão o procurei até ao romper da aurora mas, como a esta hora o salão foi ficando deserto, tive de retirar-me sem mais o ver.

TENENTES DO DIABO

A festa pittorescamente diabolica realisada no sabbado d'alleluia por esta distincta sociedade, é mais um capitulo brilhante na longa chronica das suas gloriosas tradições.

O luxo e a belleza, o bom gosto e a alegria, a amabilidade e a fidalguia deram-se as mãos em delectavel amplexo para dar n'essa noite mais uma palma de primasia á cavalheirosa *Euterpe Commercial*.

Com aquelle anavel sorriso, que fixou residencia em seus labios, e a delicadeza solicita com que a todos affaga, o adoravel *Suffocante*, o cavalheiroso secretario não deixava nenhum dos convivas aborrecer-se nem por um rapido momento.

A mesa da ceia — á mesa especial para a imprensa — após o brinde feito por um autorisado collega á sociedade *Euterpe Commercial* e á sua digna directoria, foi pelo representante deste semanario saudado o sympathico *Suffocante*, sendo essa saudação correspondida com o entusiasmo de que tão credor se tem feito o saudado.

E só quando Phebo fez penetrar n'aquelle delicioso *antro* de Plutão os primeiros alvôres da Aurora, foi que os convivas resolveram ir em busca do reconstituinte *Morpheu*.

CARDENIO,

SPORT

TURF-CLUB

Com maximo brilhantismo e notavel concurrencia, teve lugar no domingo passado o grande premio 21 de Dezembro, no Turf-Club.

Foi uma das diversões mais agradaveis, mais dignas de nota, a que temos assistido em

nossos prados de corrida. Toda a élite fluminense alli esteve reunida, alegre, com costumes leves de *voile crême*, dando ás physionomias das gentis *sportwomen*, a nota caracteristica do bom tom pariziense. E, para que não houvessem divergencias, nem tão pouco influencias desagradaveis, o dia esteve bellissimo, radiante e fresco, aberto n'um limpido parasol de luz.

Conforme o nosso prognostico, que tivemos a gentileza de tornar publico em rodas intimas sabio vencedor o *pur sang* Voltaire, esguio e galgo, chegando esbarrado, n'um esticamento de redeas. Ramogé acompanhou-o de perto, lutando, e deixando mais uma vez evidenciadas as suas magnificas qualidades de parrelheiro.

Todos os demais pareos estiveram interessantes, e o movimento das poules foi superior a cento e tantos contos de reis.

Parabens á directoria do *Turf* por mais essa victoria.

LORD LEED

Theatros

Disseram-me que, em sessão do Conselho da Intendencia, o Sr. Julio do Carmo, tratando do projecto de lei, alli em discussão, sobre o Theatro Municipal, fizera referencia ao que sobre tal objecto reflexionei na edição ultima deste semanario.

Procurei no *Jornal do Commercio* o discurso do digno Intendente; mas não tive o prazer de lê-lo, por ter sido adiada a sua publicação.

Vi, no entanto, que adiada foi tambem a discussão do referido projecto a requerimento do Sr. Honorio Gurgel, que o impugna, pretendendo que o imposto lançado sobre companhias theatraes estrangeiras, seja applicado á Assistencia Publica.

Muito exquisito, este Sr. Intendente com a ideia de tal applicação!

* * *

Li algures, que se pôde julgar do estado de adiantamento intellectual e moral de um povo frequentando-lhe o theatro.

O estrangeiro transeunte n'esta capital de uma grande e opulenta Republica que frequentar os nossos theatros, só poderá fazer do estado do nosso adiantamento uma ideia tristissima.

N'este particular, as capitães dos Estados estão dando á da União um exemplo, que importa um formidavel quinau; pois rara é a que não possue o seu Theatro Publico mais ou menos subsidiado.

Lançar imposto sobre companhias theatraes estrangeiras em uma cidade onde não ha theatro decente, para custear a Assistencia Publica, é dar uma eloquente prova da ineptia administrativa de quem a governa.

No estado de deploravel perversão a que chegou o theatro nesta terra, tão escassa de diversões, o estabelecimento de um theatro official que dê exemplo de moralidade, é tão indispensavel como a Assistencia Publica.

Ao governo municipal corre tanto o dever de curar da hygiene moral da população como da hygiene physica.

Se o honrado Intendente Sr. Honorio Gurgel não gosta do theatro, se não ama a arte e a litteratura dramatica, e tem, para conforto do seu espirito, outra diversão, não lhe assiste o direito de sacrificar ao seu o gosto da população, á qual a municipalidade nenhuma diversão proporciona.

A satisfação desta necessidade publica impõe-se ainda pelo facto de ser de diminuto ou quasi nenhum onus para o thesouro municipal; pois que sendo o theatro uma industria exploravel, poderá, com boa e criteriosa administração, produzir receita equivalente á sua despesa.

Os escrúpulos economicos do Sr. Honorio Gurgel, não tem, portanto, razão de ser, e só por pyrronico pessimismo, refractario á boa comprehensão dos seus deveres de representante do povo, se pôde explicar a opposição que faz á instituição do Theatro Municipal, não como o projecto a propõe, mas como indiquei no meu precedente artigo.

* * *

Sinto-me deveras satisfeito apreciando a condemnação crescente que está soffrendo esse genero de espectaculos que tanto tem desmora-

lisado os nossos theatros, pervertendo o gosto do publico e a vocação dos actores.

A imprensa annunciadora — a imprensa graúda — que bastante contribuiu para a propagação desse genero desorientando os seus leitores, vae deixando apagar o brazido dos seus turbulos, restringindo o seu noticiario e calando discretamente a sua critica.

Os fornecedores de piças traduzidas ou originaes, que punham no *espirito* erotico ou mal cheiroso, e nas pernas e nos quadris das *estrellas* e das comparsas os principaes elementos do seu successo, já, em boa hora, manifestam por palavras escriptas e por projectos em diligencia de execução o sincero desejo de conduzirom o theatro por melhor vareda.

E até o proprio actor que, mal inspirado, voltara as costas á gloria que o seu real merecimento lhe grangeára, para iniciar entre nós esse genero sujo e obscuro que foi o seu suicidio artistico, depois de se ter annullado no exercicio obscuro de um emprego publico, volta agora, como filho prodigo, a solicitar o abrigo decente da Arte-mãe.

Que esta rehabilitação progrida e seja coroada do melhor exito, eis o que sincera e ardentemente desejo.

* * *

Occupando-me do que se está passando em relação ao estabelecimento de um theatro official, e fazendo as reflexões que essa especie de *renascença* me suggerem, julgo melhor aproveitar o meu tempo e o espaço de que aqui disponho, do que empregando-os em fazer a chronica dos espectaculos da semana.

Tambem, o que poderia dizer delles, se não — sempre a mesma cousa?

Não vale a pena.

* * *

Agradeço á actriz Anna Leopoldina a fineza de enviar-me um delicado cartão convidando-me para a sua festa... ainda que sem a designação do lugar de onde a visse.

SANSÃO CARRASCO.

A nossa meza

Recebemos:

— *Archivo do Districto Federal* Ns. 1, 2, 3, e 4 do 2º anno — Magnifica Revista de documentos para a historia da cidade do Rio de Janeiro, redigida pelo Director-archivista da Municipalidade o laborioso e illustrado Dr. Meilo Moraes.

Importantissima publicação, repositaria de preciosos documentos excavados no velho archivo municipal, acompanhados de boas gravuras xilographicas, de retratos e monumentos.

— *Revista Brasileira* — Fasciculo 8º — Contem importantes trabalhos de Ramiz Galvão, Fausto Cardoso, Carlos Seidl, Araripe Junior e outros.

— *A Joia*, n. 1 — Pequena publicação, órgão do Congresso Familiar Amantes da Folia.

Como jornal de brincadeira, não é mau.

— *A Estação*, n. 7 de 15 do corrente.

Como sempre, interessante e numerosa em figurinos, moldes e detalhes de modas.

— *A Família Medeiros*, romance pela illustrada e talentosa escriptora paulista D. Julia Lopes Vieira.

Um volume nitidamente impresso e editado por Horacio Belfort Sabino, de S. Paulo.

— *O Fructo Prohibido*, por Anselmo Ribas (Coelho Netto) — Um bellissimo voluminho de cerca de 200 paginas, elegantemente editado pelo livreiro Domingos Magalhães.

— *Estatutos da Associação Beneficente Pernambucana*.

Esta associação, instituida em 27 de Janeiro do corrente anno, tem por fim auxiliar por todos os meios ao seu alcance os seus associados, quando necessitados em qualquer emergencia.

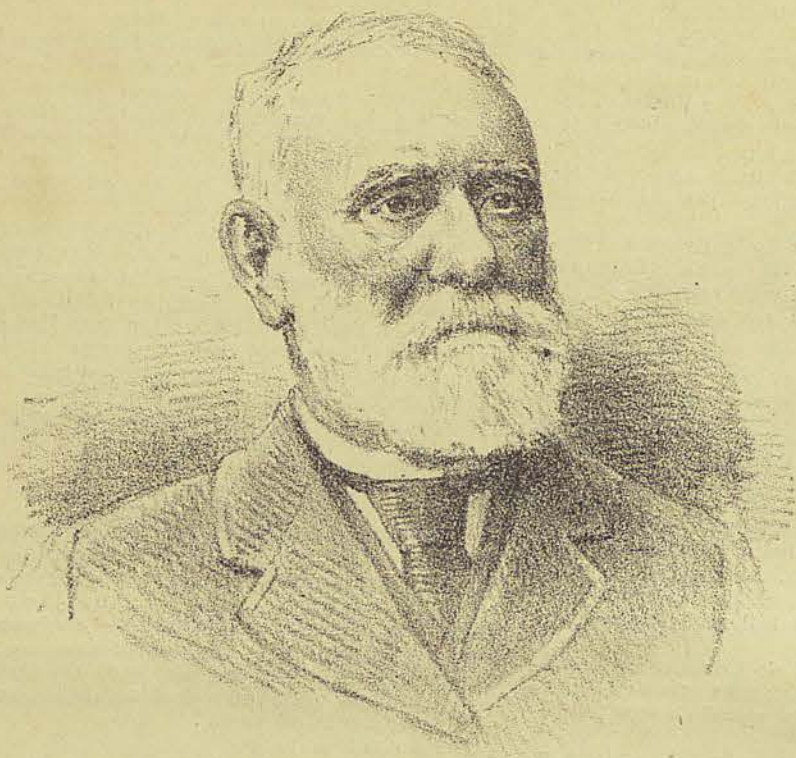
— *Revista Theatral*. — Convite para o grande festival que pretende realisar no Theatro Apollo no Domingo 21 do corrente para entrega de premios aos artistas Rosa Villiot e Mattos, sendo 50 % do producto deste festival concedido ao Circulo Italiano Operario.

— *Jockey-Club* — Convite official para a 1ª corrida d'este anno, em 21 do corrente mez.

— *Caçadora*, polka para piano por Ernesto Nazareth, editada pela casa Vieira Machado & C.

A todos agradeçemos.

D. MEZARIO,



Gen. C. José Facundo da Silva Tavares
Victima da tyrannia do despota J. de Castilhos.

Arrancado de sua casa, depois de terem assassinado
dois filhos que o defendiam, foi mettido no carcere
a 1 de Nov. de 1892 e n'elle retido até hoje.

A primeira ordem do Supremo Tribunal
Federal para apresentar o T. Cor. Facundo
Tavares, o tyranno do Rio Grande recusou-se
obedecer. Fará o mesmo á segunda?



Não seria máo que uma boa laçada federalista neste bicho feroz puzesse
termo á guerra do Rio Grande, uma vez que o governo hesita tanto em
fazer a paz